

PRESIDENTE PUTIN ORDENOU AÇÃO MILITAR E AMEAÇOU AS NAÇÕES QUE TENTAREM INTERFERIR NA OPERAÇÃO. LÍDER AMERICANO, BIDEN ACUSA O PAÍS DE "ATAQUE INJUSTIFICADO" E MORTES

# RÚSSIA INVADE A UCRÂNIA

O presidente russo, Vladimir Putin, anunciou na madrugada de hoje uma operação militar na Ucrânia para defender os separatistas no leste do país. "Tomei a decisão por uma operação militar", declarou Putin em uma mensagem televisada inesperada pouco antes das 03:00 GMT (meia-noite de Brasília), denunciando um suposto "genocídio" orquestrado pela Ucrânia no Leste do país. A movimentação das tropas russas teve início às 5h na Ucrânia. Pelo menos duas fortes explosões foram ouvidas por jornalistas da AFP no centro de Kiev logo após o anúncio do presidente russo. Na cidade portuária de Mariupol, a principal cidade controlada por Kiev perto da linha de frente no Leste do país, também houve explosões.

O mandatário russo, que justificou sua decisão por um pedido de ajuda dos separatistas pró-russos e pela política agressiva da Otan com Moscou, também pediu que os militares ucranianos "deponham as armas". Putin garantiu não querer a "ocupação" da Ucrânia, mas sim sua "desmilitarização". O presidente russo também alertou que aqueles que "tentarem interferir (na operação russa na Ucrânia) devem saber que a resposta da Rússia será imediata e levará a consequências que nunca conheceram". "Tenho certeza de que os soldados e oficiais da Rússia cumprirão seu dever com coragem (...). A segurança do país está garantida", concluiu Putin, não especificou a magnitude da operação militar nem se seria limitada ao leste rebelde da Ucrânia.

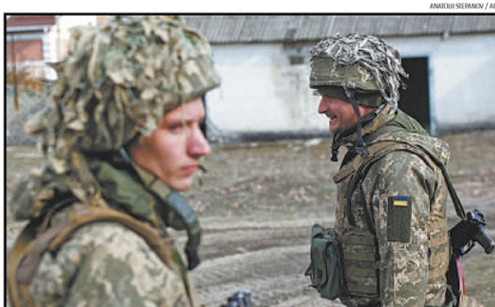
Logo após as primeiras explosões, o embaixador ucraniano na ONU, Sergiy Kyslytsya, declarou que a Rússia deve "parar a guerra". "Ele fez o pronunciamento no Conselho de Segurança das Nações Unidas, durante reunião de emergência sobre a Ucrânia".

O presidente dos Estados Unidos denunciou o "ataque injustificado" depois do anúncio feito por Putin. "O presidente Putin escolheu iniciar uma guerra premeditada que causará perdas e sofrimento humano catastrófico", disse Joe Biden em comunicado. A Rússia é responsável pela morte e destruição que este ataque causará", insistiu. Mais cedo, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, previa que a Rússia poderia invadir a Ucrânia antes do fim da noite. "Tudo parece estar pronto para a Rússia se envolver em uma grande agressão contra a Ucrânia", disse Blinken.

**EMERGÊNCIA** A Ucrânia havia declarado estado de exceção e mobilizado os reservistas para o conflito. A declaração foi apresentada pelo Conselho de Segurança da Ucrânia, para "reforçar a proteção" da ordem pública e as infraestruturas estratégicas e a proposta foi encaminhada ao Parlamento pelo presidente Volodymyr Zelensky, sendo votada horas depois de a Rússia iniciar a evacuação de seu pessoal diplomático em Kiev e de os Estados Unidos alertarem para o risco de uma ofensiva geral da Rússia contra as ex-repúblicas soviéticas. "A situação é difícil, mas permanece sob nosso controle", chegou a assegurar antes de votar o secretário ucraniano de Segurança e Defesa, Oleksiy Danilov.



Presidente russo disse ontem que tomou a decisão "por uma operação militar" na região dominada pelos separatistas



Em cidade na fronteira com a Rússia, soldados guardam posição. Confronto com separatistas já dura oito anos

Volodymyr Zelensky, sendo votada horas depois de a Rússia iniciar a evacuação de seu pessoal diplomático em Kiev e de os Estados Unidos alertarem para o risco de uma ofensiva geral da Rússia contra as ex-repúblicas soviéticas. "A situação é difícil, mas permanece sob nosso controle", chegou a assegurar antes de votar o secretário ucraniano de Segurança e Defesa, Oleksiy Danilov.

O estado de emergência permitirá às autoridades regionais reforçarem as medidas de segurança, impondo por exemplo controles de identidade mais estritos. Vigorará em todo o território, com exceção das regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, no Leste, reconhecidas na segun-

da-feira como repúblicas independentes pelo presidente russo, Vladimir Putin. Nesse contexto de tensão, o vice-primeiro-ministro ucraniano, Mykailo Fyodorov, informou que o país estava sofrendo um novo ataque cibernético em massa contra seus sites oficiais. Um ataque cibernético em larga escala contra a infraestrutura estratégica da Ucrânia seria um dos cenários mencionados como prenúncio de uma ofensiva militar.

**APELO** Num discurso emotivo divulgado em vídeo e dirigido aos cidadãos russos ontem à noite, Volodymyr Zelensky havia afirmado que a Rússia aprovou uma ofensiva contra o seu país.

"Quero me dirigir a todos os cidadãos russos. Não como presidente. Dirijo-me aos cidadãos russos como cidadão da Ucrânia", disse Zelensky, falando em russo. "Existem mais de 2000 km de fronteira comum entre nós. Seu exército está ao longo dessa fronteira agora. Quase 200 mil soldados. Milhares de veículos militares. Sua liderança aprovou que eles dessem um passo adiante, para o território de outro país", afirmou.

Zelensky disse ainda que tentou ligar para o presidente Vladimir Putin no início do dia, mas não foi atendido. "Comecei uma conversa por telefone com o presidente da Federação Russa. Resultado: silêncio", afirmou Ze-

lensky. O ucraniano rechaçou as acusações de que os ucranianos são neonazistas, como são chamados pelo governo Putin. "Estão dizendo a vocês que somos nazistas. Como pode uma nação que deu 8 milhões de vidas para combater o nazismo apoiá-lo? Como posso ser nazista? Conte ao meu avô sobre isso", disse Zelensky. Ele esteve durante toda a guerra na infantaria do exército soviético e morreu como coronel na Ucrânia independente.

"Estão dizendo a vocês que odiamos a cultura russa? Como alguém pode odiar a cultura? Alguma cultura? Os vizinhos sempre se enriquecem culturalmente, mas isso não os torna um, não nos dissolve em vocês", disse o presidente ucraniano. "Nós somos diferentes. Mas não é motivo para sermos inimigos".

A Ucrânia ordenou a mobilização de reservistas de 18 a 60 anos e pediu aos cidadãos ucranianos na Rússia - cerca de três milhões de pessoas, segundo algumas estimativas - para saírem desse país "imediatamente". Em Kiev, capital da Ucrânia, os habitantes não abandonaram sua rotina. Mas desde a terça-feira, de hora em hora, os alto-falantes tocam o hino nacional ucraniano na enorme praça Maidan. A população continua especulando sobre possíveis cenários, desde um novo status quo nos territórios separatistas até uma guerra total entre russos e ucranianos. Muitos temem que a crise possa culminar no pior conflito na Europa desde de 1945, quando terminou a Segunda Guerra Mundial.

## UE adota mais sanções contra Exército russo

A União Europeia (UE) anunciou ontem sanções contra o ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu, e os principais chefes militares, uma resposta ao reconhecimento da independência de dois territórios separatistas da Ucrânia por parte da Rússia. Além dos chefes militares do alto escalão, a UE também sancionou o chefe de gabinete da Presidência russa, Anton Vaino, e o ministro do Desenvolvimento Econômico, Maxim Reshetnikov. A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Maria Sajarova, também foi sancionada, segundo o Diário Oficial da UE.

Sanções também foram anunciadas por Japão, Austrália, Canadá, Alemanha e Reino Unido. A mais contundente das medidas foi a decisão de Berlim de congelar a certificação do gasoduto Nord Stream 2. Já concluído, ele aumentaria o fluxo de energia da Rússia para a Alemanha. Na terça-feira, os Estados Unidos anunciaram uma "primeira rodada" de sanções para bloquear o acesso da Rússia aos mercados financeiros ocidentais, advertindo que há medidas adicionais "sobre a mesa", no caso de uma escalada na Ucrânia.

Um funcionário de alto escalão do governo americano indicou que o conjunto do sistema financeiro russo pode ser objeto de sanções. "A Rússia mostrou que, com todo o custo que as sanções implicam, é capaz de minimizar os danos que causam", rebateu a diplomacia russa, afirmando que a pressão dessas medidas punitivas "não pode influenciar a vontade da Rússia de defender firmemente seus interesses". A Rússia denunciou uma "chantagem e intimidação" por parte dos Estados Unidos, mas afirmou que continua "aberta a uma diplomacia baseada nos princípios do respeito mútuo, da igualdade e da consideração de interesses mútuos", acrescentou o ministério.

## ■ RETIRADA FRANCESA

A França se tornou, ontem, o último país ocidental a pedir que seus cidadãos deixem a Ucrânia "sem demora". "No contexto das sérias tensões causadas pela concentração de tropas russas nas fronteiras com a Ucrânia", assim como pelo reconhecimento russo de duas regiões separatistas e a declaração ucraniana de estado de emergência, "os cidadãos franceses que estão na Ucrânia devem deixar o país sem demora", disse em nota o Ministério francês das Relações Exteriores.

"Tampouco é aconselhável viajar à Ucrânia até novo aviso. Desaconselha-se formalmente qualquer viagem às zonas fronteiriças do norte e do leste do país", diz o texto. No sábado, a diplomacia francesa tinha "recomendado a todos os cidadãos franceses cuja estada na Ucrânia não tenha nenhuma razão de peso a deixarem o país".

Dezenas de milhares de tropas russas estão concentradas perto das fronteiras com a Ucrânia e o Ocidente diz que poderiam ser usadas em uma ofensiva a qualquer momento. Os líderes separatistas do Leste da Ucrânia pediram ontem ajuda a Moscou para contrabalançar o exército de Kiev, em um movimento que abre a porta ao deslocamento de tropas russas no território.

# ONU vê perigo para o mundo

O secretário-geral da ONU, António Guterres, disse ontem, na abertura da Assembleia Geral da organização, que o mundo enfrenta "um momento de perigo" com a crise na Ucrânia. Para Guterres, a decisão da Rússia de reconhecer a chamada "independência" das regiões de Donetsk e Luhansk - ações subsequentes - são violações da integridade territorial e soberania da Ucrânia e "incompatíveis com os princípios da Carta da ONU".

Mais tarde, o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, tomou a palavra, enfatizando que aquele país não era uma ameaça para a Rússia. "A Ucrânia nunca planejou, nem planeja, nenhuma operação militar em Donbas", disse ele sobre as alega-

ções russas de ações militares de Kiev na região leste, onde esses enclaves separatistas pró-Rússia estão localizados.

Kuleba pediu à ONU que tome "medidas concretas e rápidas" para impedir a escalada, que ele diz será alimentada pelo avanço militar das tropas russas. "O início de uma guerra em grande escala na Ucrânia será o fim da ordem mundial como a conhecemos", alertou, enfatizando: "Queremos a paz!".

A embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, substituiu que "se a Rússia continuar nesse caminho, poderá - segundo nossas estimativas - criar uma crise de refugiados, uma das maiores do mundo atual, com até 5 milhões de pessoas deslocadas

de sua terra natal", afirmou.

Segundo a americana, "como a Ucrânia é um dos maiores fornecedores mundiais de trigo, particularmente para o mundo em desenvolvimento, as ações da Rússia podem fazer com que os preços dos alimentos subam rapidamente e causem uma fome ainda mais desesperadora do que em lugares como Líbia, Síria e Iêmen".

Antes, seu colega russo, Vasily Nebenzia, afirmou que a situação atual é resultado do "golpe de 2014", que levou a uma mudança de poder na Ucrânia com a saída forçada de um governo pró-Rússia. Desde então, Kiev realiza uma "repressão" contra a minoria de língua russa na Ucrânia, denunciou.



Ministro da Ucrânia, Dmytro Kuleba pediu "medidas concretas" à ONU

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Internacional **Página:** 9